

Processos e práticas durante o acolhimento de crianças e jovens: resultados de um programa de desenvolvimento de competências para a vida

Laura Santos¹, Casa do Canto - CrescerSer, Ansião
casadocanto@crescerser.org

Cristina Velho,² Casa do Canto- CrescerSer, Ansião
casadocanto@crescerser.org

Maria do Rosário Pinheiro,³ Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Supervisora do Projet'Ar-te, Casa do Canto - CrescerSer
mrpinheiro@fpce.uc.pt

Carla Palaio,⁴ Casa do Canto - CrescerSer, Ansião
casadocanto@crescerser.org

Resumo: Este trabalho integrou o Seminário *Os Direitos da Criança e o Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens: dos desafios da lei à intervenção durante e após o acolhimento residencial de jovens*, apresentado no I Encontro da Secção Sociologia do Direito e da Justiça da APS (8-9 de janeiro, 2016, Coimbra), versando a avaliação da eficácia do programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida-Projet'Ar-te (financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian 2012-2015). Participaram 39 jovens (M=15,33 anos; DP=1,797) em acolhimento residencial. Autonomia, autoestima, vulnerabilidade ao stress e problemas de comportamento foram avaliados, pré e pós intervenção. Os resultados revelaram aumento das competências de autonomia na gestão de casa (74% das jovens), no estudo/trabalho (67%) e na gestão do dinheiro (72%). Registou-se ainda diminuição de problemas emocionais de ansiedade/depressão ($F=-2,304$; $p=0.021$), verificando-se que 58% das jovens diminuíram os níveis de psicopatologia geral.

Palavras-chave: Acolhimento residencial; autonomia; competências para a vida; crianças e jovens em risco

¹ Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde (2009) pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Pós-graduada em psicopatologia da Infância e da Adolescência: Avaliação e Intervenção (2010). Desde 2012 desenvolve funções de Psicóloga na Casa do Canto.

² Licenciada em Ciências da Educação (2002), pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Desenvolve funções de diretora Adjunta desde 2009, no Centro de Acolhimento Temporário “Casa do Canto”. Desde 2013, exerce funções de coordenadora no Projet'Ar-te.

³ Doutorada em Ciências da Educação (2004), na área de especialização de Psicologia da Educação pela Universidade de Coimbra (FPCEUC), é Licenciada em Psicologia e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra.

⁴ Licenciada em Sociologia (2001), pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Desde outubro de 2007 desenvolve funções de diretora técnica do Centro de Acolhimento Temporário “Casa do Canto”.

Introdução

O acolhimento residencial, de acordo com a legislação portuguesa, apesar de ser a última resposta social de proteção a que se deve recorrer, na impossibilidade de outra medida poder ser uma solução mais capaz (Carvalho, 2013), deve ser encarado e promovido como uma oportunidade que possa proporcionar ganhos à criança e ao jovem (Martins 2004), assentando na promoção dos seus direitos em termos de garantia da sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Com o acolhimento os jovens iniciam uma nova fase da sua vida, que tem de ser devidamente acompanhada para que os problemas vivenciados, que têm um impacto significativo a nível emocional, comportamental e académico (Magalhães & Calheiro, 2014) sejam ultrapassados, num período que se deseja transitório e relativamente curto (Relatório Final de Execução Técnica do Projet'Ar-te, 2015). Considere-se, ainda, que a transição para a vida adulta nestes jovens, tende a suceder mais precocemente comparativamente aos pares da mesma faixa etária, o que se pode transformar em uma dificuldade acrescida, se não detiverem um conjunto de competências que lhes permita a sua integração na sociedade, o que tende a agravar-se no contexto socioeconómico atual (Carvalho & Cruz, 2015).

A Casa do Canto, pertencente à Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família (APDMF) - CrescerSer, insere-se nos equipamentos de acolhimento de jovens em perigo, no distrito de Leiria, que dão resposta à aplicação da medida de Acolhimento Residencial, apresentando capacidade para acolher 23 jovens do sexo feminino, com idades compreendidas entre os doze e os dezoito/vinte e um anos.

A intervenção diária deste tipo de equipamentos destinado a utentes da faixa etária da adolescência, deve considerar os comportamentos e etapas normativas relativas a este período de desenvolvimento, mas também as experiências pelas quais os jovens passaram ao longo da sua vida, que poderão funcionar como antecedentes condicionantes de uma vida adulta saudável (Irwin, 1987). Assim, atendendo às especificidades dos percursos de vida dos jovens que se encontram afastados das suas famílias, maioritariamente, por terem sido sujeitos a experiências de negligência ou expostos a maus-tratos e/ou abuso por parte das figuras de referência e vinculação, é apontado em diversos estudos, que estas experiências prévias negativas vividas no seio familiar estão associadas a problemas emocionais e comportamentais significativos (Magalhães & Calheiro, 2014) e condicionam potencialmente o seu desenvolvimento, funcionamento psicossocial e as trajetórias futuras (Martins, 2005).

Em Portugal, existem vários estudos no âmbito do acolhimento residencial, que sugerem que os jovens acolhidos revelam uma maior necessidade de acompanhamento em termos de autonomia nas atividades de vida diária (Velo, 2014) e que a sua perceção de autonomia se encontra positivamente relacionada com o nível de satisfação com a vida (Neves, 2011). Assim, salienta-se a necessidade de que as instituições, para além do acompanhamento individualizado, desejável para a superação dos problemas, criem respostas específicas ao nível de programas de desenvolvimento de competências para a vida, que possam garantir uma intencionalidade e resposta às necessidades destes jovens, de forma a capacitá-los e torna-los mais autoconfiantes para lidarem e ultrapassarem os problemas e para construir um projeto de vida de sucesso adequado às suas capacidades e interesses pessoais (Relatório Final de Execução Técnica, 2015).

De acordo com a literatura, a autonomia desenvolve-se no contexto de relacionamentos sociais e pessoais positivos, através de um processo de individualização que abarca três níveis, o cognitivo, o emocional e funcional, que

quando alcançados, o sujeito apresenta capacidade de realizar de forma independente as suas escolhas, definir objetivos de vida e resolver problemas sozinho (Carvalho & Cruz, 2015).

O estudo e diagnóstico das necessidades socioeducativas e psicossociais das jovens acolhidas na Casa do Canto permitiram definir soluções e criar o projeto *Projet'Ar-te: Desafios para a Mudança no Sistema de Acolhimento*, cuja finalidade é a promoção e o acompanhamento do processo de autonomia de vida das jovens durante e após o acolhimento. Este projeto foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian ao abrigo do Programa Desenvolvimento Humano - "Crianças e Jovens em Risco" entre setembro de 2012 e agosto de 2015, assentando na promoção dos direitos das jovens acolhidas na Casa do Canto, do seu projeto de vida e da sua autonomia.

A Casa do Canto, no âmbito do *Projet'Ar-te*, com objetivo de capacitar as jovens e garantir uma saída mais segura do sistema de acolhimento, preconizou o desenvolvimento de competências desde o início do acolhimento de cada jovem, através da aplicação de um Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida. O referido programa apresenta um caráter grupal com sessões estruturadas e incide no desenvolvimento de estratégias no domínio da regulação emocional e das competências pessoais e sociais, e que se concretizam respetivamente no Programa de Promoção da Regulação Emocional (operacionalizado pelo Programa Gerar Percursos Sociais e pelo Grupo Artístico) e no Programa de Competências Pessoais e Sociais, que decorrendo na sua globalidade, durante um período de seis meses. A implementação destes programas permite que sejam dadas a todas as jovens as mesmas oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento de aptidões para enfrentar o futuro (Pinheiro et al., 2015).

O impacto pretendido deste projeto situa-se na garantia da autonomia das jovens, independentemente do seu projeto de vida, assegurando uma saída segura da instituição e uma melhor integração e funcionalidade na família e/ou comunidade.

Metodologia

Participantes

O *Projet'Ar-te* destinou-se a todas as jovens acolhidas na Casa do Canto, tendo participado no Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, entre 2012 a 2015, 48 jovens. Os dados apresentados dizem respeito a 39 adolescentes do sexo feminino, das quais foi possível realizar uma avaliação estandardizada em pré e pós intervenção. A idade média das participantes é de 15,33 (DP=1,797) anos, variando entre 11 e 19 anos, o nível de escolaridade mais frequente é o 3º ciclo. O tempo médio de permanência na Casa no momento pré intervenção varia entre 1 e 60 meses, sendo a média de 11,05 meses (DP=15,863) (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização das participantes

	N	M	DP	[min.-max.]
Idade	39	15,33	1,797	11-19
Tempo de permanência na Casa em meses		11,05	15,863	1-60
			Pré	Pós
Escolaridade	1º Ciclo		1	1
	2º Ciclo		10	7
	3º Ciclo		21	17
	CEF		2	3
	Curso profissional		4	5
	Ensino Secundário		-	2
	Formação Profissional		-	2
	Outros		1	2

Procedimentos

O Projeto Ar-te destinou-se a todas as jovens acolhidas na Casa do Canto, entre 2012 a 2015, tendo-se realizado neste período de tempo 2 edições do Programa de Competências para a Vida. O programa foi elaborado pela equipa técnica da Casa do Canto e as suas ações foram dinamizadas por toda a equipa de colaboradores da Casa de acordo com as suas funções e aptidões em parceria com entidades ou pessoas externas quando as ações assim o exigiam de acordo com o planificado. Foi concebida para cada ação uma Matriz de Planificação que integra a definição prévia dos objetivos, aprendizagens fundamentais e respetivas tarefas de transferência de aprendizagem, com base Modelo Interativo de Planeamento de Programas de Caffarella (2002), recursos materiais e humanos, duração e metodologias utilizadas. Normalmente, cada ação apresenta um carácter lúdico e recorre a estratégias de discussão em grupo, tendo em conta as necessidades sociais e características motivacionais das jovens acolhidas, recorrendo para o efeito a estratégias como a arte, movimento e tecnologias.

O processo de avaliação realizou-se através de diferentes metodologias de recolha de dados, quantitativas e qualitativas, e com diversas fontes de informação, a fim de realizar o estudo de eficácia do programa e de avaliar o nível de concretização das aprendizagens nas participantes e do impacto na organização.

Para a avaliação da eficácia foi realizada uma avaliação estandardizada pré e pós intervenção com instrumentos de avaliação psicológica e de competências, de auto e hétero relato, que foram aplicados durante o primeiro mês de acolhimento da jovem, antes e após a implementação do programa e no momento de saída da Casa. Os questionários foram aplicados pela psicóloga do projeto, sendo garantido o animato e a confidencialidades dos dados de cada participante. Os instrumentos foram preenchidos pelos jovens individualmente ou em pequeno grupo, numa sala na companhia da psicóloga. Os instrumentos de hétero relato foram preenchidos respetivamente pelo técnico e educadores de referência de cada jovem, nos mesmos momentos de avaliação.

Para além da avaliação do impacto do programa, verificou-se a necessidade de medir a qualidade da intervenção formativa através da realização de uma avaliação específica de cada ação em termos de reação das participantes; das aprendizagens das participantes; a avaliação do comportamento das participantes; e dos resultados da formação (Kirkpatrick, 2005), tendo sido construídos os seguintes instrumentos de avaliação: Grelhas de Observação por indicadores de comportamento e desempenho, Questionários de Satisfação para os participantes e Relatório da Ação, a fim de realizar uma efetiva avaliação do grau de aprendizagem alcançado pelas jovens em cada ação do *Projet'Ar-te*.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do SPSS.

Instrumentos

Neste estudo serão apresentados os resultados dos instrumentos abaixo descritos.

Umbrella (DelValle & Garcia Quintanal, 2006)

Instrumento de autorresposta que pretende avaliar competências de autonomia em jovens que se encontram com medida de acolhimento. Divide-se em 5 subescalas: Apoio social, Estudos/trabalho, Dinheiro, Sobre mim mesmo e Casa, sendo que neste estudo se utilizaram apenas a subescala Estudos/Trabalho, Dinheiro e Casa. Existem duas versões deste instrumento, uma destinada a jovens com mais de 15 anos, composto por 80 itens e outra versão mais curta com 59 itens destinada a jovens dos 11 aos 14 anos. Os itens são cotados de 1 (Nada) a 3 (Muito) pontos de acordo com uma escala de Likert.

Escala de Autoestima de Toulouse (Oubrayrie et al.,1994 adaptada por Tap & Vasconcelos, 2004)

Instrumento de autorresposta constituído por 10 itens, que permite avaliar a autoestima em duas dimensões, a autoconfiança e a autodepreciação e calcular dois scores globais, a autoestima global e diferencial. As questões são respondidas numa escala de tipo Likert - 5 pontos, variando desde “discordo totalmente” até “concordo totalmente”.

Questionário de Vulnerabilidade ao Stress - 23 QVS (Vaz Serra, 2000)

Instrumento de autorresposta composto por 23 itens que têm como objetivo avaliar a vulnerabilidade psicológica que o indivíduo apresenta perante uma situação indutora de stresse. É uma escala unidimensional concebida para que, quanto mais elevado o score global, mais previsível se torna que um indivíduo reaja de forma desadaptativa a um acontecimento indutor de stresse. Cada item deve ser respondido de acordo com uma escala de Likert de 0 a 4 pontos que varia entre Concordo totalmente a Discordo Totalmente.

Youth Self Report - YSR (Achenbach, 1991 adaptado por Fonseca e Monteiro, 1999)

Destina-se a avaliar competências sociais e problemas de comportamento em adolescentes dos 11 aos 18 anos, tal como são percecionados pelo próprio. Neste estudo utilizou-se a segunda parte do instrumento, constituída por 119 itens, dos quais 103 dizem respeito a problemas específicos de comportamento e 16 respeitam a comportamentos socialmente desejáveis. Os itens são cotados numa escala de Likert de 0 (não verdadeira) a 2 pontos (muitas vezes verdadeira). Permite avaliar uma score global de psicopatologia, 6 fatores e dois clusters relativos a problemas de expressão internalizada e externalizada.

Resultados

A fim de dar a conhecer a mudança ocorrida entre as avaliações pré e pós intervenção (Programa de Competências para a Vida), apresentam-se os resultados quantitativos em termos de competências de autonomia, problemas de comportamento, autoestima e vulnerabilidade ao stresse, considerados importantes para avaliar a eficácia da intervenção. Devido à reduzida dimensão da amostra, no tratamento de dados foram utilizados testes estatísticos não paramétricos de medidas repetidas. Para alguns instrumentos foi também efetuado o cálculo do RCI (Reliable Change Index) entre o pré e o pós-intervenção, tendo sido consideradas apenas três categorias de classificação dado o reduzido número de sujeitos.

Resultado 1: Umbrella

Na escala Umbrella foram consideradas as subescalas Estudos/trabalho; Dinheiro; e a Casa. Depois de cotada cada versão e obtidos os totais foram compilados numa variável que incluía as pontuações das crianças e dos jovens.

Em pré-intervenção as medidas apresentam assimetrias padronizadas inferiores a 2, porém em pós-intervenção a assimetria na distribuição das variáveis é relevante. Para testar as diferenças entre o pré e o pós-intervenção foi calculado o teste não paramétrico de medidas repetidas de Wilcoxon⁵.

⁵ O teste de Wilcoxon é um teste não paramétrico para medidas repetidas que pode ser usado em alternativa ao teste t medidas repetidas ou ANOVA medidas repetidas (testes paramétricos) quando os pressupostos da sua utilização não estão cumpridos. São consideradas medidas repetidas quando o mesmo sujeito é avaliado duas ou mais vezes e se pretende conhecer a mudança ocorrida entre medições.

Tabela 2. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon (n=39)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_Umbrella_dinheiro	2,18	0,43	-1.21	16,56	-3,057	,002
T1_Umbrella_dinheiro	2,38	0,49	-,2.45	19,79		
T0_Umbrella_estudos/trab alho	2,19	0,36	1.11	21,92	-3,726	<0,001
T1_Umbrella_estudos/trab alho	2,42	0,41	-2.40	9,60		
T0_Umbrella_casa	2,52	0,31	-0,87	15,75	-3,615	<0,001
T1_Umbrella_casa	2,67	0,36	-3.08	18,47		

T0 – pré-intervenção; T1 – pós-intervenção.

Nas subescalas do Umbrella dinheiro ($F=-3,057$; $p=,002$), estudos/trabalho ($F=-3,726$; $p=,000$) e Casa ($F=-3,615$; $p=,000$) houve um incremento estatisticamente significativo das pontuações médias dos sujeitos do pré para o pós-intervenção.

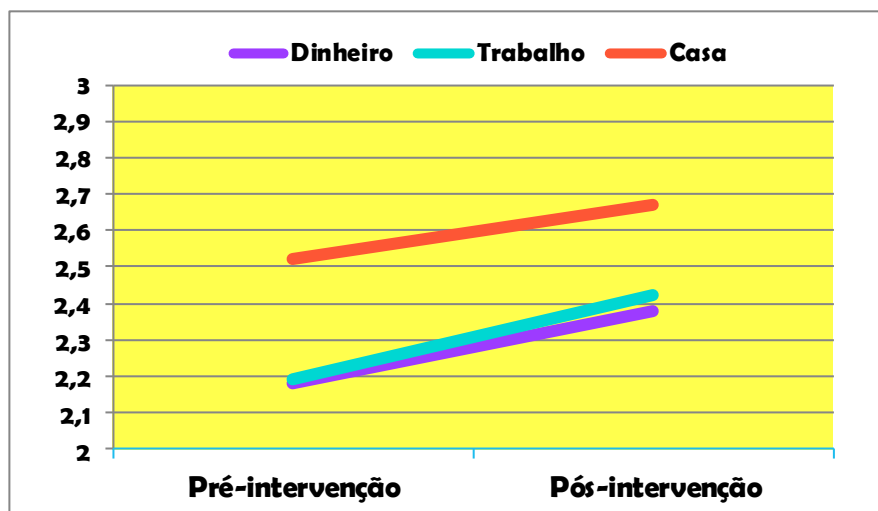


Gráfico 1. Valores médios no pré e pós intervenção nas subescalas do Umbrella (n=39)

Tabela 3. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Umbrella (n=39)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
Umbrella_casa	Baixou	6	15,4	29,692	.000**
	Manteve	4	10,3		
	Aumentou	29	74,4		
Umbrella_Estudios/ Trabalho	Baixou	10	25,6	21,385	.000**
	Manteve	3	7,7		
	Aumentou	26	66,7		
Umbrella_dinheiro	Baixou	9	23,1	27,846	.000**
	Manteve	2	5,1		
	Aumentou	28	71,8		

**p<.01.

Se considerarmos as diferenças pós-pré, verificamos a ocorrência de jovens que aumentaram as suas pontuações, que mantiveram e que desceram. A proporção de jovens que aumentou a sua pontuação foi de 74.4% na subescala casa, 66.7% na subescala trabalho e 71.8% na subescala dinheiro, nos três casos a diferença foi estatisticamente significativa.

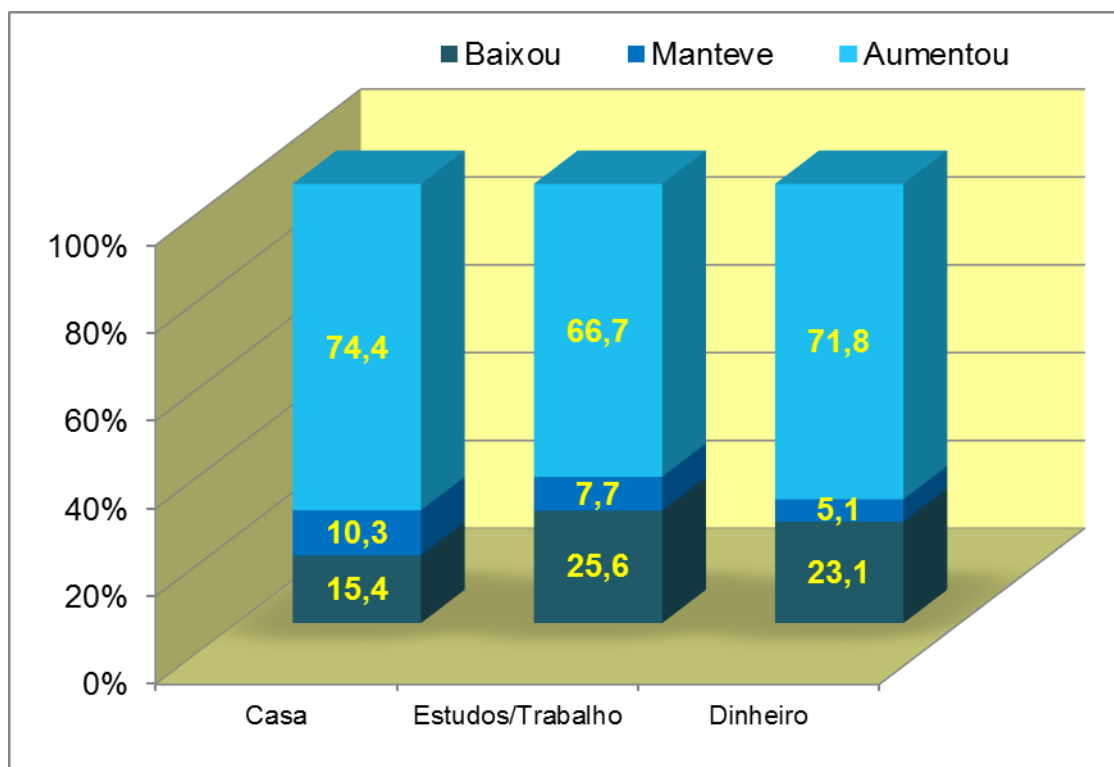


Gráfico 2. Proporção de jovens que aumentaram, mantiveram e baixaram as suas pontuações nas subescalas do Umbrella (n=39)

Resultado 2: Questionário de Vulnerabilidade ao Stress (23 QVS)

Tabela 4. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon (n=36)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_QVS_PIF	1,59	,68	1,17	18,62	-,646	,518
T1_QVS_PIF	1,46	,66	0,51	15,28		
T0_QVS_IDF	2,03	,61	0,29	14,03	-,456	,649
T1_QVS_IDF	2,03	,63	-2,91	16,97		
T0_QVS_CAS	1,38	,94	0,49	15,94	-1,931	,053
T1_QVS_CAS	1,03	,65	0,96	11,90		
T0_QVS_CVA	1,89	,54	0,83	13,29	-,682	,495
T1_QVS_CVA	1,81	,44	0,13	10,59		
T0_QVS_DE	1,94	,63	3,13	16,32	-2,029	,042*
T1_QVS_DE	1,63	,69	-0,63	12,50		
T0_QVS_S	1,86	,61	-0,61	17,09	-,503	,615
T1_QVS_S	1,85	,79	0,42	15,83		
T0_QVS_DAR	1,76	,57	1,94	14,92	-,553	,580
T1_QVS_DAR	1,82	,55	-0,47	14,19		
T0_QVS_total	1,80	,40	0,44	18,95	-1,395	,163
T1_QVS_total	1,69	,41	-1,24	15,43		

*p<.05. T0 – pré-intervenção; T1 – pós-intervenção.

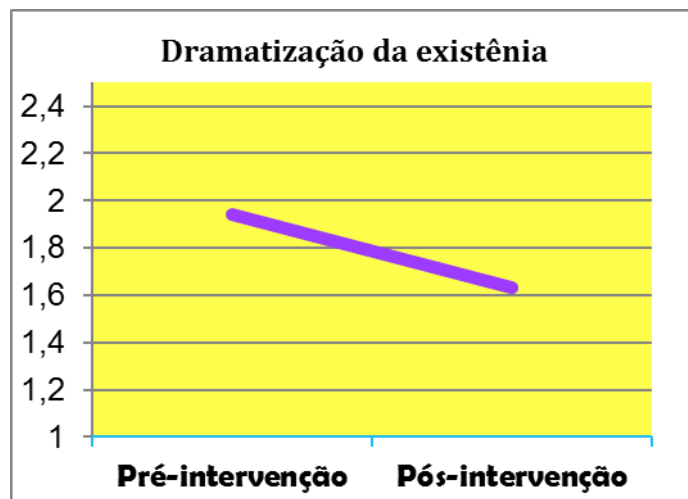


Gráfico 3. Valores médios no pré e pós teste para a subescala Dramatização da exigência do 23 QVS (n=36)

Apesar de se registarem diferenças significativas nas médias do 23 QVS apenas no que diz respeito ao fator Dramatização da existência, registaram-se mudanças intra-individuais de pré para pós intervenção: 47,2% das jovens diminuíram os scores em termos de Perfeccionismo e Intolerância à Frustração, 52,8% os scores de Dramatização da Existência, 47,2% os scores de Subjugação e 55,6% das jovens diminuíram as suas pontuações no total da escala de vulnerabilidade ao stresse.

Tabela 5. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Questionário de vulnerabilidade ao stress (n=36)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
QVS_PIF	Baixou	17	47,2	10,167	,006**
	Manteve	3	8,3		
	Aumentou	16	44,4		
QVS_IDF	Baixou	15	41,7	4,500	,105
	Manteve	6	16,7		
	Aumentou	15	41,7		
QVS_CAS	Baixou	18	50,0	4,667	,097
	Manteve	8	22,2		
	Aumentou	10	27,8		

QVS_CVA	Baixou	12	33,3	,167	,920
	Manteve	13	36,1		
	Aumentou	11	30,6		
QVS_DE	Baixou	19	52,8	6,500	,039*
	Manteve	7	19,4		
	Aumentou	10	27,8		
QVS_S	Baixou	17	47,2	8,167	,017*
	Manteve	4	11,1		
	Aumentou	15	41,7		
QVS_DAR	Baixou	12	33,3	2,667	,264
	Manteve	8	22,2		
	Aumentou	16	44,4		
QVS_total	Baixou	20	55,6	14,000	,001**
	Manteve	2	5,6		
	Aumentou	14	38,9		

**p<.01.

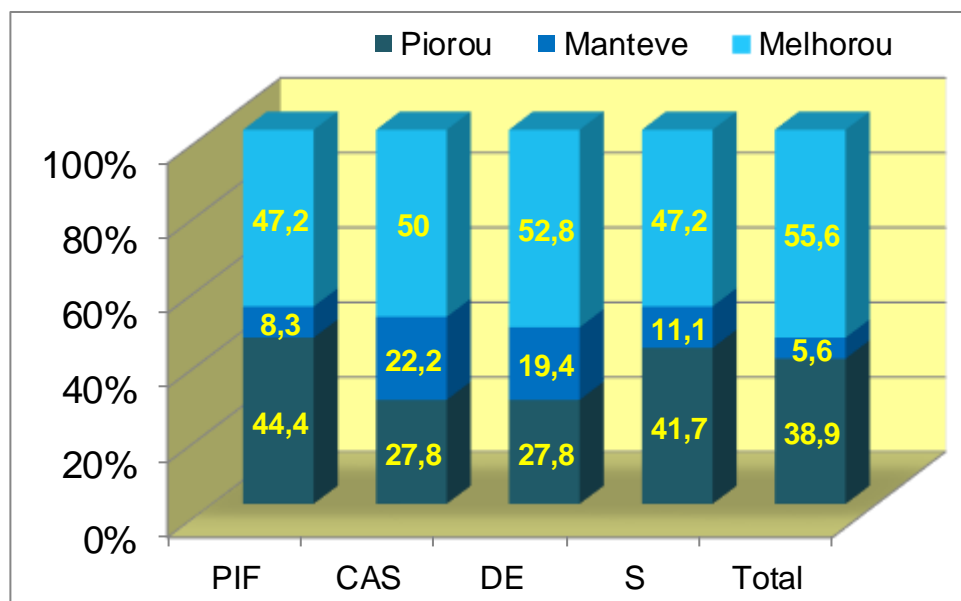


Gráfico 4. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no 23 QVS (n=36)

Legenda: PIF – Perfeccionismo e Intolerância à Frustração; CAS – Carência de Apoio Social; DE – Dramatização da existência; S – Subjugação

Tabela 6. Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção no 23 QVS

	n	%	$\chi^2(2)$	p
detioração	12	33,3	8,167	,017*
sem mudança	5	13,9		
remissão	19	52,8		

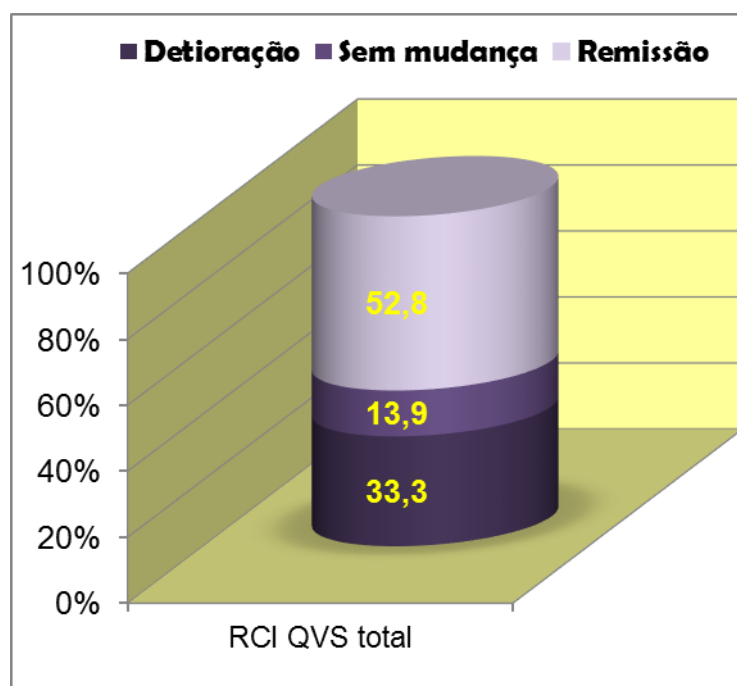


Gráfico 5. Proporção de jovens por classificação no RCI no 23 QVS total

Aproximadamente 53% das jovens apresentou-se em remissão em termos propensão para vulnerabilidade ao stresse. Após a intervenção, ao considerar o ponto de corte do instrumento (Vaz-Serra, 2000), aproximadamente 57% das jovens encontra-se abaixo do nível considerado como mais predisposto a fatores de vulnerabilidade ao stresse.

Tabela 7. Distribuição das participantes ao considerar o ponto de corte do 23 QVS

	n	%	n	%	$\chi^2(2)$	p
até 43	27	57,4	25	69,4	4,134	.042*
acima de 43	20	42,6	11	30,6		

Resultado 3: Escala de Autoestima de Toulouse (AET)

A autoestima diferencial resulta da diferença entre a autoconfiança e a autodepreciação. Se positiva a autoconfiança é superior à autodepreciação. Tanto a autoestima diferencial como a global subiram significativamente de pré-intervenção para pós-intervenção.

Tabela 8. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon (n=39)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_Autoestima diferencial	0,74	0,92	3.26	15,68	-2,341	,019*
T1_Autoestima diferencial	1,13	1,02	1.33	19,06		
T0_Autoestima global	3,35	0,45	3.60	15,20	-2,496	,013*
T1_Autoestima global	3,56	0,51	1.33	18,46		

*p<.05.

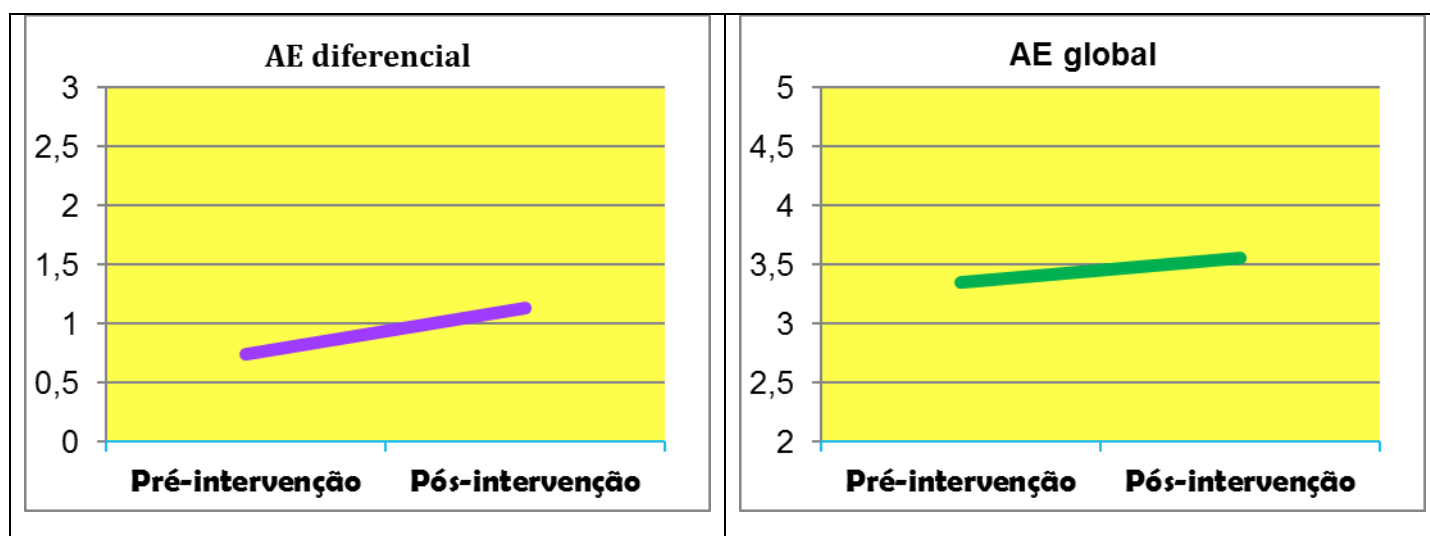


Gráfico 6. Valores médios em pré e pós teste nas subescalas de autoestima de Toulouse (n=39)

Tabela 9. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no questionário de autoestima de Toulouse (n=39)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
Autoestima diferencial	Baixou	11	28,2	15.846	.000**
	Manteve	4	10,3		
	Aumentou	24	61,5		
Autoestima global	Baixou	10	26,3	16.632	.000**
	Manteve	4	10,5		
	Aumentou	24	63,2		

**p<.01.

No que diz respeito a diferenças intraindividuais, 61.5% das jovens melhorou a autoestima em termos globais e 63.2% revela melhorias em termos de autoestima diferencial. Em ambos os casos a diferença foi estatisticamente significativa.

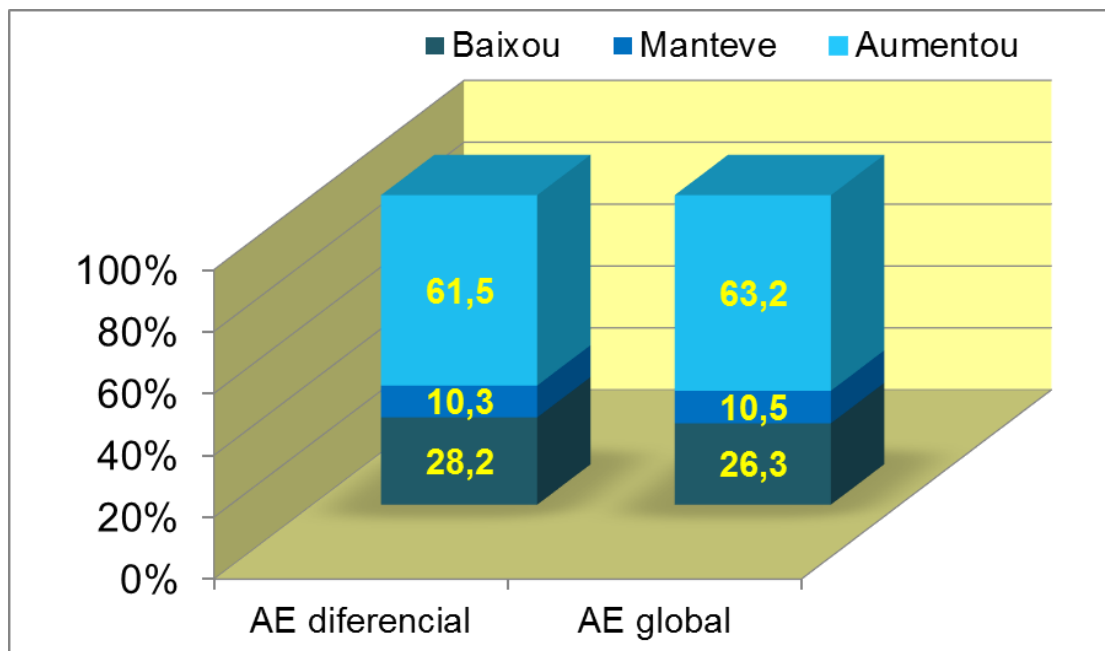


Gráfico 7. Proporção de jovens que aumentaram, mantiveram e baixaram as suas pontuações nas subescalas de Autoestima global e diferencial (n=39)

Resultado 4: Youth Self-Report (YSQ)

Tabela 10. Médias, desvios-padrão, assimetria padronizada, média de postos e teste de diferenças de Wilcoxon (n=38)

	M	DP	Assimetria padronizada	Média de postos (mean rank)	Wilcoxon signed ranks test	p
T0_ysr.cas	0,32	,23	2,00	13,92	-0,255	,799
T1_ysr.cas	0,36	,34	3,30	19,82		
T0_ysr.pah	0,68	,32	1,14	17,39	-0,266	,790
T1_ysr.pah	0,68	,33	1,17	17,63		
T0_ysr.ad	0,61	,36	1,19	16,59	-2,304	,021*
T1_ysr.ad	0,48	,39	2,68	14,56		
T0_ysr.i	1,04	,32	0,75	20,08	-1,814	,070
T1_ysr.i	0,93	,39	-1,47	12,82		
T0_ysr.qs	0,56	,34	0,64	20,46	-0,268	,788
T1_ysr.qs	0,55	,49	2,64	12,19		
T0_ysr.pp	0,57	,40	1,52	15,20	-0,753	,451
T1_ysr.pp	0,55	,52	2,92	18,67		
T0_ysr.total	0,58	,22	2,09	20,25	-1,418	,156
T1_ysr.total	0,55	,30	2,35	17,17		

*p<.05. T0 – pré-intervenção; T1 – pós-intervenção.

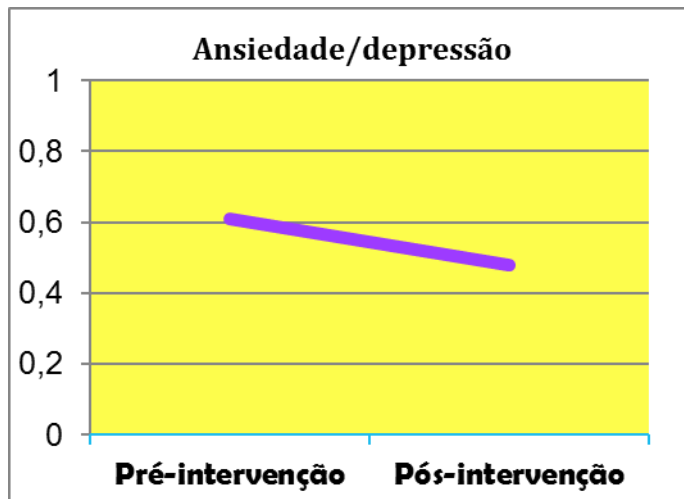


Gráfico 8. Valores médios no pré e pós teste na subescala Ansiedade/Depressão do YSR (n=38)

Registaram diferenças significativas nas médias do YSR apenas no que diz respeito à subescala de Ansiedade/Depressão ($F=2,304$; $p=0,021$). No entanto, em termos de mudanças intra-individuais do pré para o pós intervenção, verificou-se que, as jovens perceberam mudanças no seu comportamento, nomeadamente: 47,4% das jovens diminuíram os scores na subescala de Problemas de Atenção e Hiperatividade, 57,9% os scores na subescala Ansiedade/Depressão, 50% os scores na subescala de Problemas de Pensamento e 57,9% das jovens diminuíram as suas pontuações no total da escala indicador de um score global de psicopatologia.

Tabela 11. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no Youth Self Report (n=38)

		n	%	$\chi^2(2)$	p
T1_T0_ysr.cas_catDif	Baixou	18	47,4	5,895	,052
	Manteve	6	15,8		
	Aumentou	14	36,8		
T1_T0_ysr.pah_catDif	Baixou	18	47,4	9,053	,011*
	Manteve	4	10,5		
	Aumentou	16	42,1		
T1_T0_ysr.ad_catDif	Baixou	22	57,9	10,474	,005**
	Manteve	7	18,4		
	Aumentou	9	23,7		
T1_T0_ysr.i_catDif	Baixou	19	50,0	7,947	,019*
	Manteve	5	13,2		
	Aumentou	14	36,8		
T1_T0_ysr.qs_catDif	Baixou	12	31,6	4,000	,135
	Manteve	8	21,1		
	Aumentou	18	47,4		
T1_T0_ysr.pp_catDif	Baixou	20	52,6	7,789	,020*
	Manteve	6	15,8		
	Aumentou	12	31,6		
T1_T0_ysr.total_catDif	Baixou	22	57,9	18,053	,000**
	Manteve	1	2,6		
	Aumentou	15	39,5		

**p<.01.

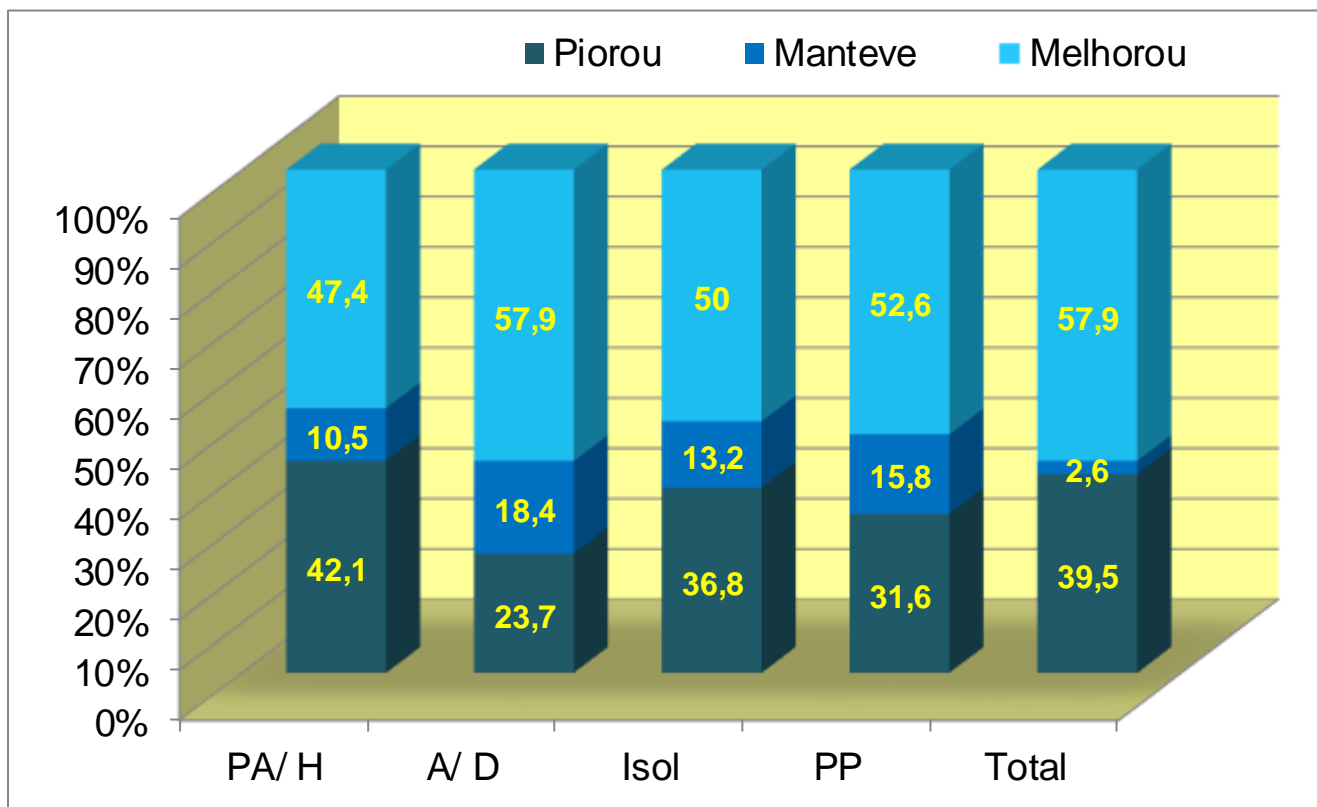


Gráfico 9. Proporção de sujeitos que aumentaram, mantiveram e diminuíram as suas pontuações no YSR (n=38)

Legenda: PA/H – Problemas de Atenção Hiperatividade; A/D – Ansiedade/Depressão; Isol – Isolamento; PP – Problemas de Pensamento; Total – score global de psicopatologia

Foi efetuado o cálculo do RCI (Reliable Change Index) para o YSR entre o pré e o pós-intervenção.

Tabela 12. Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção no YSR total

total	n	%	$\chi^2(2)$	p
detioração	14	36,8	16.000	,000**
sem mudança	2	5,3		
remissão	22	57,9		

**p<.01.

Foram classificadas em remissão 57.9% das jovens, 5.3% mantiveram a sua classificação e 36.8% detioraram. A diferença revelou-se estatisticamente significativa.

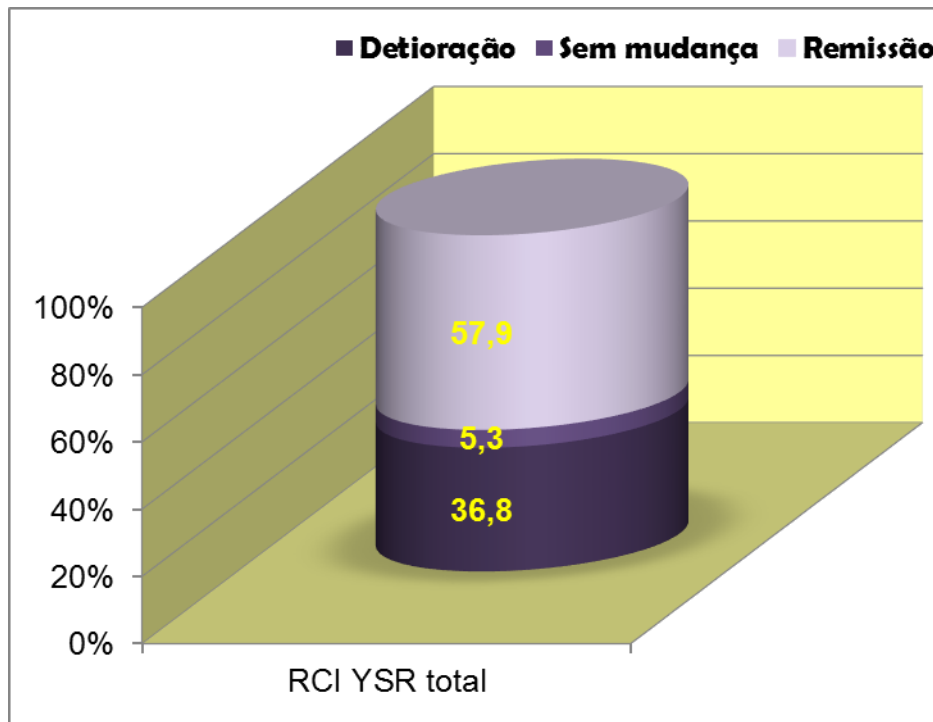


Gráfico 10. Proporção de jovens por classificação no RCI, YRS total

Tabela 13. Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção no YSR externalização

Externalização	n	%	$\chi^2(2)$	p
detioração	14	36,8	10.316	.006**
sem mudança	4	10,5		
remissão	20	52,6		

**p<.01.

No YSR externalização 52.6% dos sujeitos foram classificados em remissão, 10.5% não obtiveram mudanças e 36.8% em detioração. A diferença é estatisticamente significativa.

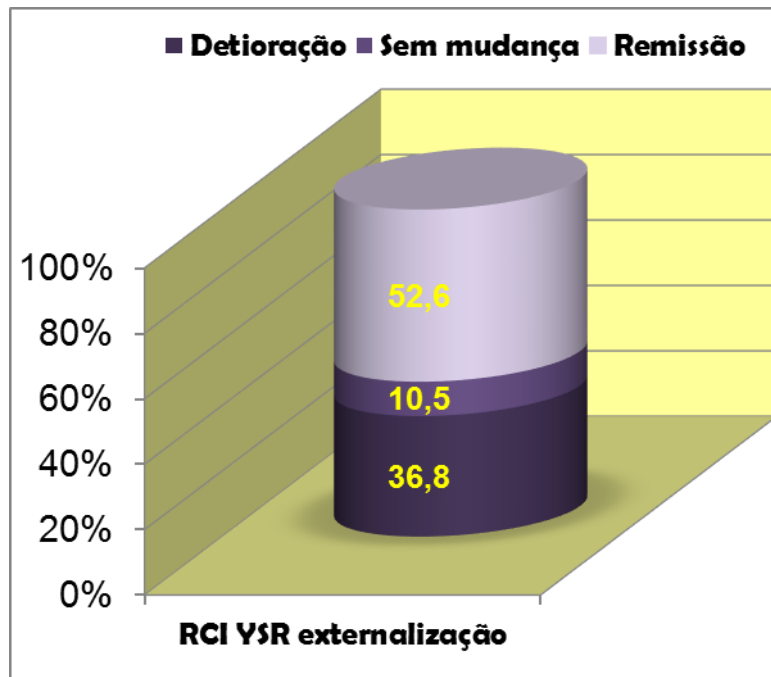


Gráfico 11. Proporção de jovens por classificação no RCI, YSR externalização

Tabela 14. Resultados no RCI da mudança entre pré e pós-intervenção no YSR internalização

internalização	n	%	$\chi^2(2)$	p
detioração	14	36,8	16.000	.000**
sem mudança	2	5,3		
remissão	22	57,9		

**p<.01.

No que diz respeito à internalização, 57.9% dos sujeitos foram classificados em remissão, 5.3% não obtiveram mudança e 36.8% classificaram-se em detioração, a diferença foi estatisticamente significativa.

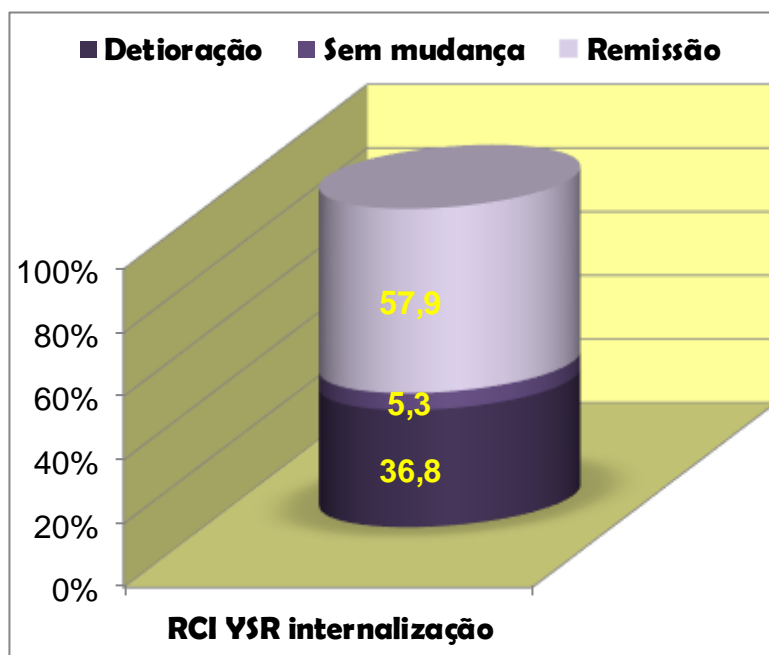


Gráfico 12. Proporção de jovens por classificação no RCI, YSR internalização

Discussão

Os resultados obtidos demonstraram melhorias ao nível emocional, comportamental e na aquisição de competências pessoais e sociais das jovens, demonstrando as vantagens do desenvolvimento dos programas.

De um modo geral, no que diz respeito aos resultados de pré e pós intervenção do Programa de Desenvolvimento de Competências para a Vida, verificou-se que a mudança intra-individual segue, maioritariamente, o sentido pretendido no aumento de competências de autonomia e diminuição de índices psicológicos adversos, contribuindo beneficentemente para os diferentes contextos de vida (escolar/laboral, familiar, saúde e comunitário).

Mais especificamente, as competências trabalhadas na promoção da regulação emocional evidenciaram um aumento significativo da autoestima das jovens e diminuição da vulnerabilidade perante situações passíveis de ser indutoras de stresse. O Índice de Mudança Fiável (RCI) calculado para o YSR entre os resultados do pré e pós intervenção aponta uma melhoria clínica de remissão da psicopatologia (58%), dos problemas de externalização (53%) e dos problemas de internalização (58%), que poderá favorecer o desempenho académico e ajustamento social dos jovens (Magalhães & Calheiro, 2014).

Relativamente ao desenvolvimento de competências de autonomia avaliadas através dos resultados obtidos nas subescalas do Umbrella, referentes a dinheiro, estudos/trabalho e casa, estes apontam para um aumento das pontuações entre a primeira avaliação de pré-intervenção e a segunda avaliação de pós-intervenção, sugerindo um aumento significativo no nível de autonomia. Estes indicadores do Programa de Competências Pessoais e Sociais vieram demonstrar que as experiências

proporcionadas às jovens nas ações facultaram um aumento significativo no nível de autonomia no que respeita a tarefas domésticas da vida diária, estudos e trabalho/escola, à utilização dos serviços da comunidade e a estratégias de poupança no quotidiano. Esta auto-percepção de maior capacitação poderá estar associada ao aumento significativo da autoestima das jovens ($F=-2,496;P=0,013$) (Neves, 2011).

As aprendizagens adquiridas nas ações foram úteis e alargadas a outros domínios de vida, contribuindo para a perceção da evolução de si mesmas. Considera-se também importante, que para além dos conteúdos do programa exista um ambiente relacional que favorece e reforça as aprendizagens sociais, um espaço físico e clima emocional que contribua para um ambiente terapêutico, que possa contribuir para a superação das experiências negativas do passado e a construção de um futuro seguro e mais promissor (Relatório Final de execução técnica, 2015).

O impacto esperado deste projeto situou-se na garantia de uma saída mais segura do acolhimento institucional, preparada desde o primeiro dia de acolhimento, independentemente do projeto do de vida da jovem. O que implica a existência de uma dinâmica de aprendizagem contínua e sistematizada para o processo de acolhimento, que enquadre a promoção de competências para a vida (FICE, IFCO, Aldeias Infantis SOS, 2007, p. 16), que se deseja concretizável no menor tempo possível, e a permita que cada jovem seja agente ativo da sua própria vida, para posteriormente, já com mais capacidade, se tornar mais capaz de tomar decisões responsáveis sobre o seu futuro (Relatório Final de execução técnica, 2015).

Assim, a vantagem desta intervenção baseia-se na avaliação sistemática dos programas, quer ao nível do processo, como dos resultados e na sua adequação em termos das necessidades específicas dos jovens em acolhimento, sendo dinamizado por adultos de referência com quem existe uma relação prévia de confiança, onde o jovem pode desenvolver a sua autonomia de forma segura (Carvalho & Cruz, 2015).

A intervenção do Projet'Ar-te assumiu uma nova dinâmica na atuação diária da Casa, encontrando-se integrado na sua rotina, sendo bem aceite quer pelos colaboradores como pelas jovens acolhidas que se manifestam satisfeitas com o mesmo. A sustentabilidade do Projet'Ar-te na Casa efetiva-se na realização de novas edições dos programas porque se verifica continuamente o acolhimento de novas jovens, que se integram nas rotinas e se tornam concomitantemente participantes dos programas, levando a uma renovação permanente do grupo alvo da intervenção (Relatório Final de execução técnica, 2015). Estes programas encontram-se a ser igualmente difundidos junto das Casa da CrescerSer, direcionadas para o acolhimento de adolescentes, encontrando-se as respetivas equipas em processo de formação para aplicação deste programa juntos dos seus jovens.

Como em todos os projetos, também no Projet'At-te é possível ressaltar algumas limitações que podem condicionar o alcance e interpretabilidade dos dados obtidos. Apesar da integração de metodologias de avaliação diversas, que permitiram recolher vários indicadores deste projeto, o facto deste projeto ser de investigação-ação implica algumas limitações associadas à natureza do mesmo, o próprio contexto de aplicação, impossibilitou a inexistência de um grupo de controlo, uma vez que as jovens têm o direito de integrar estas intervenções durante o seu acolhimento, sendo a preparação contínua da emancipação uma norma de qualidade do processo de acolhimento de jovens (FICE, IFCO, Aldeias Infantis SOS, 2007, p. 16). Encontram-se em estudo a avaliação de follow up, que permitirá conhecer os efeitos a médio e longo prazo deste programa.

Referências bibliográficas

Achenbach, T. M. (1991), *Integrative guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR, and TRF profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Caffarella, R. (2002), *Planning programs for adult learners: A practical guide for educators, trainers, and staff developers* (2nd ed.). San Francisco: Jossey-Bass, Inc.

Carvalho, M. J. (2013), *Sistema Nacional de Acolhimento de crianças e jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, M.J. & Cruz, H. (2015), “Promoção da autonomia em crianças e jovens em acolhimento em instituição” in M. J. Leote; H. Cruz & A. Salgueiro (orgs.), *Autonomia: Desafios e práticas no acolhimento de jovens em instituição*, Coleção Práticas e Reflexões sobre Acolhimento de Jovens em Instituição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4-15.

Corder, G. & Foreman, D. (2009), *Nonparametric statistics for non-statisticians: A step-by-step approach*. New Jersey: Wiley & Sons.

DelValle, J. F. & Garcia Quintanal, J. L. (2006), *Umbrella, habilidades para la vida*. Oviedo: ASACI.

Fonseca, A. C., & Monteiro, C. M. (1999), “Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach (CBCL)”, *Psychologica*, 21, 79-96.

FICE, IFCO, & Aldeias Infantis SOS (2007), *Quality4Children: Normas para o Acolhimento de Crianças Fora da Sua Família Biológica na Europa*, Werner Hilweg, Innsbruck, Áustria, disponível em http://quality4children.info/navigation/show.php3?id=2&_language=en

Irwin, C.E. (1987), *New directions for child development: Vol. 37. Adolescent social behavior and health*. San Francisco: Jossey-Bass.

Kirkpatrick, D., & Kirkpatrick, J. (2005), *Evaluating training programs: The four levels* (3rd ed.). San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.

Magalhães, E. & Calheiros, M.M. (2014), “Ajustamento emocional e comportamental de crianças e jovens em acolhimento institucional: uma reflexão em torno das experiências prévias de mau trato e negligência”, in M. M. Calheiros & M.V. Garrido (orgs.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. Lisboa: Edições Sílado, Lda, 103-125.

Martins, P.C. (2004), *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco representações sociais, modos e espaços*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.

Martins, P. (2005). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens – As Respostas Institucionais, *VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade?* - 23 de maio de 2005, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pp. 1-11.

Neves, M. (2011), *Autonomia e Satisfação com a Vida em Jovens Institucionalizados: Lares de Infância e Juventude vs Apartamentos de Autonomização*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização: Psicoterapia e Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga.

Oubrayrie, N., De Leonardis, M., & Safont, C. (1994), “Un Outil pour l'évaluation de l'estime de soi chez l'adolescent: L'ETES”, *Revue Européenne de Psychologie Appliquée* (4ème trimestre), 44 (4), 309 – 317.

Pinheiro, M.R.; Velho, C.; Palaio, C.; Santos, L.; Fadigas, P.; Santos, S.; Guerra, C.; Oliveira, J. & Guerra, P. (2015), “Estrutura de Apoio e Acompanhamento da Casa do Canto: Processos e práticas de promoção da autonomia após o acolhimento”, in M. J. Leote; H. Cruz & A. Salgueiro (orgs.), *Transições: Desafios e práticas no acolhimento de jovens em instituição*, Coleção Práticas e Reflexões sobre Acolhimento de Jovens em Instituição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 14-55.

Pinheiro, M.R.; Velho, C.; Palaio, C.; Santos, L.; Santos, S. & Lopes, L. (2015), Relatório Final de Execução Técnica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TAP, P., & Vasconcelos, M. L. (2004), *Precariedade e vulnerabilidade psicológica*. Fundação Bissaya-Barreto – CEICI (Coimbra). Editionsérès.

Vaz-Serra, A. (2000), “Construção de uma escala para avaliar a vulnerabilidade ao stress: A 23 QVS”, *Psiquiatria Clínica*, 21(4), 279-308.

Veloso, C. (2014), *Lares de Infância e Juventude: contributos para a autonomia*. Dissertação de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu.